

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A PROBLEMÁTICA DA DEFESA E SEGURANÇA DOS PEQUENOS ESTADOS

TEMA:

SEGURANÇA, DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO

CONFERENCISTA*:

Dr.^a NANCY WALKER

***EX-DIRECTORA DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS PARA
ÁFRICA***

Acho que não preciso dizer-vos que não sou a Dra. Nancy Walker. Ela gostaria de estar aqui hoje, e tinha feito planos há vários meses para assistir a esta conferência, mas infelizmente adoeceu a semana passada e o médico proibiu-a de fazer viagens internacionais nesta altura.

Foi o que me trouxe ao pódio hoje. Apesar de a Dr.^a Walker não poder estar aqui pessoalmente, algumas ideias dela podem estar aqui hoje através dos milagres da tecnologia. Ela tem estado em contacto com a minha Embaixada várias vezes durante os últimos dias, e disse-me em linhas gerais os assuntos e ideias que pretendia discutir aqui convosco.

A Dra. Walker tem uma única perspectiva sobre a questão levantada por esta conferência – “A Problemática da Defesa e Segurança dos Pequenos Estados” – através do seu trabalho no Centro Africano de Estudos Estratégicos. Ela conhece pessoalmente muitos dos participantes que se encontram nesta sala, e dedicou um esforço enorme para analisar os desafios de segurança que países de vários tamanhos e diferentes posições estratégicas na região Africana têm que enfrentar.

Por isso, enquanto escutam neste momento as palavras de um diplomata Americano, o que de facto estão ouvindo são as ideias de uma intelectual Americana. E embora eu não consiga desenvolver todos os temas que ela devia querer explorar mais detalhadamente, espero que as preocupações básicas dela estejam aqui reflectidas.

Comecemos por olhar à nossa volta. Esta conferência está sendo realizada num pequeno estado insular. É independente há vinte e oito anos. Possui muito poucos recursos naturais excepto a sua posição geográfica e o seu povo.

Por isso levanta-se a questão: Com o que deve preocupar-se uma pequena nação insular como esta? O que poderá melhorar ou ameaçar a sua segurança? E como pode ela tirar proveito das suas vantagens e lidar com actuais ou

potenciais ameaças à sua segurança?

Quando as pessoas falam de segurança nacional, o debate é muitas vezes sobre ameaças. Mas talvez possamos começar pelo outro lado da questão: O que contribui para a felicidade e tranquilidade de um pequeno país como este?

Pois eu acredito que há coisas que poderiam criar um verdadeiro sentido de alívio numa pequena nação como Cabo Verde.

Deixem-me citar apenas algumas: (a) as estruturas de segurança internacional criadas após a II Guerra Mundial tornaram possível que pequenos estados aspirassem à independência; (b) o desmantelamento dos sistemas colonial ou imperiais do fim do Século 19 tornaram possível a expressão de identidades locais; (c) a criação de agências especializadas do sistema internacional eliminaram a varíola, controlaram a poliomielite, e canalizaram recursos para o desenvolvimento; e finalmente (d) o declínio da Guerra Fria também aliviou a pressão sobre pequenos estados para "se definirem" (entre aspas) numa serrada competição de ideias.

Imagino que pessoas que se encontram nesta sala poderão pensar em outros factores que podiam ser realçados, e que podiam avançar outras possibilidades.

Contudo, a realidade é que um pequeno país como Cabo Verde teria sido altamente vulnerável num ambiente internacional mais predatório. Se países grandes não enfrentassem restrições nos seus esforços para adquirir território ou mercados – nenhuma restrições para além das suas próprias capacidades para criar e sustentar a força exigida para conservar o que têm – então pequenos países como este tornar-se-iam de novo presas fáceis.

Os pequenos estados têm por isso sido beneficiados pelos constrangimentos que o sistema internacional tem colocado sobre grandes estados no exercício do seu poder e influência. No meu ponto de vista, os pequenos estados têm sido beneficiários desproporcionados do sistema internacional do pós-guerra, e deviam reconhecer este facto.

O que é surpreendente, contudo, é que os estados pequenos parecem um tanto relutantes em dizer isto – ou pelo menos não o dizem abertamente. Mas eu acredito que é verdade.

Hoje esta é a realidade: a existência de Cabo Verde como um pequeno membro da comunidade internacional não está ameaçada por qualquer outro estado actor. Deixem-me enfatizar as palavras estado actor. Nenhum navio de guerra vai navegar sobre o horizonte – como Francis Drake ou um Almirante Francês fizeram nos séculos passados – para atacar esta ilha e esta cidade, apoderar-se da riqueza dos seus cidadãos, e partir de novo.

Além do mais, se navios de guerra de algum país quisessem atacar Cabo Verde – se pudéssemos criar um cenário académico suficientemente extravagante ou absurdo para este efeito – então Cabo Verde poderia recorrer a várias outras medidas para eliminar a ameaça.

Paradoxalmente, contudo, a eliminação da ameaça que em séculos passados

era imposta pelos estados actores – ou poderia ter sido imposta – está a ser substituída por uma nova série de desafios para os quais o sistema internacional de resposta ainda não é perfeito.

Vou falar muito brevemente sobre quarto deles: dois ambientais e dois envolvendo actores não estatais.

Os desafios ambientais que eu vejo derivam (a) da epidemia do HIV/SIDA e (b) nesta parte do mundo, da desertificação e da escassez crescente dos recursos hídricos.

Em muitos países deste continente, o HIV/SIDA realmente ameaça um dos componentes básicos da soberania nacional – a população. De facto, não pode existir nação sem povo.

Em vários países da África meridional, contudo, 30% ou mais da população com mais de 15 anos de idade é seropositiva. Na ausência de uma descoberta dramática (e muito desejada) pelas ciências médicas, a esperança de vida dessas populações será décadas mais curta do que seria doutro modo.

As nações onde vivem essas pessoas perderão essas décadas de potencial de actividade e criatividade humana. E não é apenas isso, como também a morte prematura dessas pessoas deixará centenas de milhares de crianças que não terão o benefício do amor, instrução e aprendizagem que uma geração mais velha proporciona. E se precisarmos de complicar ainda mais a situação, a morte dessas pessoas deixará enormes vazios na capacidade dos países para oferecerem serviços de educação, cuidados de saúde, e oportunidade económica às suas populações.

Um problema desta magnitude e extensão geográfica não é apenas uma questão de saúde. É uma questão de segurança nacional. Para os países que ainda não estão afectados pela doença – e sinceramente espero que Cabo Verde tenha a sorte de ser um deles – a prevenção do alastramento desta calamidade deve estar no topo da sua agenda de segurança nacional.

Em segundo lugar, gostaria de comentar a questão da desertificação e da água. A desertificação pode debilitar um outro dos atributos essenciais da soberania de um estado – terra útil a partir da qual a população de uma nação pode ganhar a vida.

Cabo Verde está numa posição única neste ambiente saheliano: é circundado de água, mas também tem falta de água. Parece que este ano Cabo Verde teve muita chuva e espera-se uma boa produção agrícola. Mas toda a gente sabe que este ano é uma excepção, e o povo de Cabo Verde está familiarizado com fomes e longos períodos – por vezes, anos – sem água suficiente. De facto, um dos factores que originou a emigração de Cabo Verde foi a necessidade das pessoas encontrarem comida suficiente para a sua sobrevivência.

Por toda a região do norte da África, a água está-se tornando mais escassa à medida que as populações crescem e a desertificação avança. Até Cabo Verde tem uma necessidade premente de explorar novas tecnologias de conseguir mais água para a sua crescente população. O Turismo na Ilha do Sal não seria

possível, por exemplo, se não fosse pela dessalinização.

Não posso deixar este tópico genérico sem pelo menos abordar uma outra ameaça à segurança importante para Cabo Verde – o potencial para desastres naturais. A apenas algumas milhas desta ilha está o vulcão do Fogo. A última erupção foi em 1995. É provável que volte a entrar em erupção.

Portanto, as estruturas de segurança deste estado – e as suas forças militares – precisam de ter a capacidade de responder rapidamente a este tipo de ameaça ambiental também. Estruturas militares que não podem ajudar as suas sociedades a resolver problemas desta envergadura não vão poder ter apoio numa democracia.

De seguida mencionarei os outros dois desafios de segurança que envolvem dois actores não estatais. São: (a) o terrorismo e (b) a droga. Os países do mundo que deviam estar verdadeiramente alarmados por estes problemas são os pequenos estados, porque a cruel realidade é que alguns dos actores não-estatais envolvidos em droga ou terrorismo podem de facto destabilizar – ou potencialmente tomar controlo efectivo – destes pequenos estados.

É um verdadeiro paradoxo que numa ordem mundial em que os maiores países-nações operam com maiores constrangimentos na sua liberdade de acção do que faziam há um século, os actores não-estatais enfrentam menos constrangimentos, porque os transportes e os sistemas de comunicação internacionais facilitam as coisas para eles. Como eu disse, eles têm menos constrangimentos – excepto os que estão sendo concebidos pelos estados maiores, algumas vezes mas nem sempre com a cooperação dos mais pequenos.

Se esses actores não-estatais puderem movimentar drogas, lavar dinheiro, comprar políticos, ou ameaçar os que lhe passarem pelo caminho, assim o farão sem qualquer hesitação. Acreditar no contrário é ignorar realidades objectivas.

Portanto, a prevenção da penetração de tanto o terrorismo como a droga deve ser na minha perspectiva uma das tarefas fundamentais da estrutura de segurança nacional dos pequenos estados. E permitam-me ser arrojado para dizer que aqui em Cabo Verde faz muito pouco sentido ter uma força terrestre quando a ameaça para a qual devem estar preparados tem maior probabilidade de vir do mar e do ar. Nenhuma força terrestre vai invadir-vos. Mas a droga e o terrorismo podem ser tão destrutivos quanto uma invasão terrestre.

Então o que devem fazer os pequenos estados em relação a tudo isto? Vou oferecer três ideias:

Os pequenos estados devem tomar a liderança na criação de uma estrutura internacional que eliminará essas ameaças. Isto significa trabalhar com países maiores, e isso também quer dizer trabalhar eficazmente com os Estados Unidos. Os Estados Unidos têm o maior interesse na estabilidade internacional de qualquer país. Os pequenos estados devem aproveitar-se deste facto.

Os pequenos estados precisam de reconfigurar o seu aparato de segurança para lidar tanto com problemas ambientais e actores não-estatais. Isso não pode

ser deixado para um debate sem fim. Os países que não tomam medidas em relação à SIDA ou ao terrorismo estão a andar sem cuidado algum à beira de um precipício.

Finalmente, os pequenos estados precisam de ter a capacidade de se movimentarem mais rapidamente, comunicar mais eficazmente, e disponibilizar recursos mais eficazmente, não apenas internamente, mas também internacionalmente. Os pequenos países não podem ignorar a tecnologia se querem ser eficazes na abordagem desses actuais desafios de segurança. Poria isso desta forma – se não tiverem tecnologia, os vossos adversários que a tiverem terão todas as vantagens.

Agradeço terem-me permitido partilhar estas reflexões convosco nesta conferência. Ansiosamente ficarei aguardando os resultados e a oportunidade de falar convosco pessoalmente no futuro.

As minhas felicitações e meus melhores votos de sucesso.

Muito obrigado.

** Conferência realizada pelo Embaixador dos Estados Unidos da América em Cabo Verde, em nome da Dr.^a Nancy Walker.*